

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**A ORALIDADE PRESERVADA NO TEMPO -
Uma abordagem crítica de lendas no Ceará**

REDENÇÃO-CE

2016

RAFAEL DOS SANTOS DE LIMA

A ORALIDADE PRESERVADA NO TEMPO -

Uma abordagem crítica de lendas no Ceará

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da UNILAB, como pré-requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Humanidades. Orientadora: Dra. Izabel Cristina dos Santos Teixeira.

REDENÇÃO-CE

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catálogo na fonte

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

L696o Lima, Rafael dos Santos de.

A oralidade preservada no tempo - uma abordagem crítica de lendas no Ceará. / Rafael dos Santos de Lima. – Redenção, 2016.

47 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profª. Dra. Izabel Cristina dos Santos Teixeira.
Inclui figura e referências.

1. Lendas - Brasil - Literatura infanto-juvenil. I. Título.

CDD 808.899282

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus por ser sempre o farol que ilumina e direciona meu caminho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de uma forma ou outra me acompanharam nessa caminhada;

- aos professores do Instituto de Humanidades e Letras e aos colegas que me acompanharam nessa trajetória;

- à minha mãe, Elionilda, sempre presente, pela troca de conhecimentos;

- ao meu pai, Valdenor, que me deu todo o apoio prático que eu precisei para concluir o curso;

- às minhas irmãs Aline e Karine, que mesmo de forma silenciosa torceram por mim;

- à professora Izabel Cristina, minha orientadora, por abraçar o desafio de estudar lendas de Aracoiaba-Ce e pelos ensinamentos passados durante todo curso sempre com muita dedicação.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo uma abordagem crítica de algumas lendas no município de Aracoiaba, onde a pesquisa foi realizada. No total, foram selecionadas dez para compor o *corpus*. Essas lendas, narradas quase sempre por via oral, por pessoas sem escolarização, são retidas na memória e lembradas. Por vezes, são modificadas, adaptando-se às condições sociais e ambientais de cada lugar em que são mencionadas. Pertencente a uma das categorias de folclore, de acordo com Câmara Cascudo (2006), as lendas têm muitos atributos, por exemplo, contar a história da fundação das cidades e nações, além de exemplificar aspectos da vida diária. Por conseguinte, a pesquisa propõe uma discussão teórica que inclui o gênero textual lenda, reforçada, especialmente em estudos de Cascudo (2006), Fernandes (2003) e Sandhya (1986).

Palavras-chave: Lendas. literatura oral. Cultura popular.

ABSTRACT

This work aims at a critical approach to some legends in the municipality of Aracoiaba, where the research was done. In total, ten were selected to compose the corpus. These legends, often narrated orally, by people without schooling, are retained in memory and remembered. Sometimes they are modified, adapting to the social and environmental conditions of each place where they are mentioned. Belonging to one of the categories of folklore, according to Câmara Cascudo (2006), legends have many attributes, for example, tell the story of the founding of cities and nations, and further to exemplify aspects of daily life. Therefore, the research proposes a theoretical discussion that includes the textual genre, legend, reinforced, especially in studies of Cascudo (2006), Fernandes (2003) and Sandhya (1986).

Key words: Legends, Oral Literature, Popular Culture.

SUMÁRIO

1. Introdução	07
2. A Oralidade: Estudo Teórico	08
2.1 Oralidade Transcrita- As Lendas Coletadas.....	15
3. As Lendas- <i>Corpus</i>	16
3.1 As Lendas	16
4. Análise dos Textos Coletados	20
5. Conclusões	25
Referências Bibliográficas	26
Anexos.....	29

1. INTRODUÇÃO

O interesse por estudar lendas surgiu de meus frequentes retornos à minha cidade natal, Aracoiaba-CE, localizada a 76 km da capital, Fortaleza. Aracoiaba é uma cidade de interior, pequena, com média de 25 mil habitantes (IBGE, 2010).

Na cidade, as lendas sempre fizeram parte do meu convívio, tanto na família, quanto na escola e mesmo na rua. Quando minha família se reunia em diversos tipos de encontros, sempre havia rodas de conversas e, aí, surgiam as lembranças das lendas. Eu, como criança, era fascinado, adorava ouvir. Em família, as lendas eram contadas pelos mais velhos, meus bisavôs, que as repassaram para meus avôs. Essa prática continuou com meus pais e, assim, sucessivamente, nunca as deixando morrer.

Trazendo-as na memória, eu gostava, vez por outra, de conversar sobre elas com os meus, então, amigos de escola, na pracinha do meu bairro. Uma das que mais gostávamos de discutir era “A serra que virou lenda”, pelo fato de ser contada de diferentes formas.

Na minha vida escolar, também tive oportunidade de conviver com essa modalidade de texto – as lendas, no caso - que, à época, era estudada na disciplina de História. Essa prática, a meu ver, permitiu que as lendas fossem consideradas, de certa forma, como uma característica da cultura da cidade de Aracoiaba-CE. Lembro-me, inclusive, que, uma vez, minha professora propôs à turma entrevistar uma pessoa mais velha, e levar uma história contada por essa pessoa (lenda da Aracoiaba) para sala de aula. Um dos textos que trouxemos foi a “lenda da Pedra Aguda”, pois era a mais conhecida. A meu ver, hoje, penso que a ideia, de fato, era levantar dados de memórias, numa tentativa de compreender a história da cidade.

Visitando a biblioteca de Aracoiaba tive a surpresa de encontrar uma compilação dos textos aqui abordados. Eles foram selecionados em uma coletânea organizada por Ana Maria do Nascimento (2003). São eles: “Sonho de descanso”; “A serra que virou lenda: Pedra aguda”; “As serras de Aracoiaba”; “A pedra negra”; “Padrões antagônicos”; “Pindaíra e seu idílio”; “Longínqua caminhada”; “Rastro de orgia” e, por último, “Serra da tamanca”.

De forma geral, a motivação para a leitura desses textos foi despertada pela minha vivência na Universidade e, também, pela possibilidade de dar início a estudos de interesse regional, dando certa evidência ao Município de Aracoiaba.

Para o recorte teórico, selecionei o crítico Silvio Romero (Século XIX, 1851-1914), precursor dos estudos de oralidade no Brasil, e o antropólogo Câmara Cascudo (1898-1986), que compreendem o gênero literário lenda como uma narrativa preservada pela tradição oral.

De posse do conjunto de narrativas e dos textos teóricos, elaborei a fundamentação (sobre o *corpus*) de pesquisa – e *corpus*, dividindo-o nas seguintes etapas: primeiro capítulo, no qual defini literatura oral, seus objetos de estudo, bem como seus meios de transmissão e defini (tema e “forma”, no caso, o gênero literário “lenda”). No segundo capítulo, desenvolvi os textos a serem analisados, ou seja, as lendas propriamente ditas, descrevendo-as, para dar visibilidade aos temas que nelas se encerram. No terceiro capítulo, propus um debate, a partir do campo teórico (literatura) para dar tratamento ao *corpus*.

2. A ORALIDADE: ESTUDO TEÓRICO

De acordo com Luís da Câmara Cascudo (2006, p.21), a oralidade seria a antiga arte de exprimir eventos reais ou fictícios em palavras, imagens e sons. O autor, em sua argumentação, advoga para o fato de termos “histórias contadas” que, de alguma maneira, passam de geração em geração, absorvendo os aspectos sociais e culturais do tempo em que estão sendo contadas e, assim, multiplicando significados novos e sentidos outros. Sob essa ótica, esse compartilhamento de histórias, em todas as culturas e localidades, segundo o autor, representa mais “um meio de entretenimento, educação, preservação da cultura e para incluir conhecimento e valores morais” (CASCUDO, 2006). Concordamos com o pensamento dele, quando ele nos fala que a literatura oral tem sido considerada como uma prática perene da humanidade. De fato, o estudo da oralidade pode ser um caminho revelador de aspectos linguísticos, econômicos, sociais e culturais de um povo. Além disso, levando-se em consideração os achados de Cascudo (2006), temos que considerar que é por meio da oralidade que se pode, em algum momento, multiplicar situações e contextos e, “tendo em vista que humanos têm uma

habilidade natural para usar comunicação verbal para ensinar, explicar e entreter” (CASDUDO, 2006,p.12), temos na oralidade um frutífero caminho para o conhecimento de hábitos.

É importante considerar, também que, na formação dos principais aspectos culturais brasileiros, principalmente, no que concerne à literatura oral, há uma junção de várias manifestações artísticas de recriação popular. Cascudo (2006) já apresentou essa questão em seus achados. Para nós, muitos aspectos que são compartilhados de geração em geração, quase que mantidas pela tradição e se dão com um caráter ficcional, proporcionam o que Cascudo (2006) chama de “histórias contadas”. Esse ponto é importante para nosso trabalho, pois as lendas de Aracoiaba, na verdade, representam em muitos momentos, essa tradição existente e que é por meio do aspecto da oralidade que se propagou de anos em anos.

Além disso, essas “manifestações” recebem influências de elementos socioculturais que condicionam diretamente a formação dessas características. Para defender isso, o autor nos diz que “o acervo de características socioculturais, incorporando e perpetuando pela memória (oral e documentada)” (CASDUDO, 2006, p 21), constituem-se de pelos aspectos trazidos pelas três raças que originaram o nosso povo. Isso ficou muito evidente, como apresentaremos a seguir, nos textos analisados nesse trabalho, em que muitas abordagens sociais e culturais são transparentes nas lendas existentes sobre Aracoiaba e que tratam do município ou um fato dele. Merece destaque o fato de o autor considerar a miscigenação como elemento central nesse processo, o que inclui também elementos culturais como cantos, contos e lendas, para citarmos apenas alguns. Advogamos com o pensamento do autor, pois consideramos que a “troca de culturas” possibilita e interfere na formação dos registros orais e escritos de uma determinada raça.

O pensamento do autor possui como foco principal a Etnografia e, para isso, ele leva em consideração estruturas não-verbais que podem facilitar no entendimento do contexto social e cultural de um determinado texto. Para ele, os gestos, os mistérios e os mitos do povo, já na fase madura, era possuidor de erudição. Isso nos permite dizer que a predileção pelas narrativas se constitui como uma necessidade do povo para perpetuar conhecimentos e garantir a manutenção de histórias e elementos da cultura local e regional também. Para provar isso, Cascudo (2006) nos fala que a tradição cultural não são apenas conhecimentos enciclopédicos, contidos nas bibliotecas, mas são oriundos

da convivência do povo. Para exemplificar isso, podemos pensar no pai que conta uma determinada história para seu filhos que, por sua vez, aquela já fora contada por outro parente e, assim, passa de geração em geração, perpetuando as características do povo por meio da oralidade.

Desse modo, essas narrativas representam uma forma de manutenção da cultura da família, do bairro, da cidade e, principalmente, do povo.

Com efeito, para Cascudo (2006), o folclore é tradição e a tradição é a “ciência do povo”. Em uma das definições de folclore que formula, ele sintetiza a importância de seu estudo:

Todos os países do Mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. Esse patrimônio é o Folclore. Folk, povo, nação, família, parentalha. Lore, instrução, conhecimento na acepção da consciência individual do saber. Saber que sabe. Contemporaneidade, a compreensão das manifestações atualização imediatista do conhecimento (CASCUDO, 2006, p.9).

Assim sendo, é possível afirmar que, para o autor, o folclore é definido como uma fonte rica para a manifestação da oralidade, um testemunho transmitido, de uma geração a outra, tendo como suas características particulares o verbalismo popular e a sua tipologia de transmissão (contos, canções, provérbios, mitos e lendas). Deste modo, torna-se possível que uma sociedade possa transmitir todo o material cultural que geralmente vem por meio dos conhecimentos adquiridos, dia após dia, por pessoas que, na maioria das vezes, moram em regiões do interior do Brasil.

Como antropólogo, Cascudo (2006, p.25), faz uma investigação sobre as terminologias, vocábulos, por exemplo, que são utilizados para o entendimento da literatura oral. Nesses achados, o autor apresenta-nos o que ele denominou de algumas características das lendas e histórias. Nesse percurso de leituras, preferimos destacar a tradicionalidade, oralidade e anonimato, que, segundo ele, podem não ser encontrados em todos os fatos folclóricos como no caso da literatura de cordel, no Brasil, onde o autor é identificado e a transmissão não é feita oralmente. Neste sentido, na visão de

Cascudo (2006, p.22), uma manifestação é folclórica quando, além de ser popular, constitui-se em sobrevivência. O folclore seria, portanto, “uma manifestação do passado no presente”, ou seja “um conjunto de resíduos, de fragmentos de costumes e práticas culturais desaparecidas, que torna difícil estabelecer os vínculos entre as manifestações populares e os contextos em que surgiram” (CASCUDO, 2006, p.22).

Desse levantamento feito Cascudo, é interesse desse trabalho em sua perspectiva teórica sobre lendas, pelo seu caráter popular, contadas e recontadas, e que, de certa forma, adquirem a chamada “cor local”, nas suas idas e vindas de transmissão. Para ele, “lenda se trata de um elemento de fixação. Determina um valor local e explica um hábito ou uma romaria religiosa, iguais em várias partes do mundo, semelhantes há dezenas de séculos, que diferem em pormenores” (CASCUDO, 2006, p.23).

O que se pode falar é que, de alguma maneira, o povo ressuscita o passado por meio das trocas culturais e dos elementos de contato entre os sujeitos. É nas múltiplas interações entre cidadãos, principalmente na oralidade, que podemos ter trocas culturais ricas e importantes para um povo. Na realidade, em muitos aspectos, a oralidade representa a passagem dos acontecimentos, mostrando, como referências indiscutíveis para a verificação racionalistas, os lugares onde o fato ocorreu. Sob esse aspecto, Cascudo (2006) nos apresenta o pensamento de que o folclore e as lendas conservadas na memória popular contribuem sobremaneira para a composição da tradição a qual reúne elementos de histórias e de história popular, anedotas reais ou sucessos imaginários, críticos sociais, vestígios de lendas, amalgamados, confusos, díspares, na memória geral.

Também se considera uma constante na construção das lendas o seu viés religioso. Isso exige igualmente uma ação, um desenrolar, um plano lógico, no utilitarismo tribal. Não há, quase, lendas inúteis e desinteressantes. Todas doaram alguma coisa, material ou abstrata (CASCUDO, 2006 p:27). No que diz respeito às lendas, o autor defende que estas registram a origem de seres, astros ou objetos indispensáveis na vida indígena.

As fontes da literatura oral brasileira são o material mantido e fixado pela tradição. Sobre isso, não se pode negar, mas deve-se levar em consideração a importância de outros mecanismos que podem contribuir para a formação dessa cultura, como: os livrinhos impressos, novelas, narrativas contadas em versos, livros religiosos,

de orações (de orar, como se dizia), exemplários para pregadores, servindo perfeitamente para a curiosidade profana.

Para exemplificar isso, Cascudo (2006) usa uma espécie de analogia exemplificativa e indica-nos as mudanças de uma cultura para a outra. Nesse sentido, por mais que cada povo, cada cultura, cada contador de histórias adapte os contos à própria realidade, por exemplo: “Cinderela”, na China, perde chinelinhos, enquanto na América Nativa é filha de um grande chefe. Assim, o pesquisador defende que, essas mudanças ocorrem por aspectos culturais, mas há sempre a manutenção de elementos essenciais para a trama, para o enredo, como é o fato da existência da personagem. É importante considerar que, apesar de o termo “literatura oral” vincular-se a expressões orais, é possível encontrar diferentes ocorrências de entrecruzamentos entre oralidade e escrita na tradição literária brasileira, quando, por exemplo, personagens e histórias de tradições orais são transcritos por autores de textos de ficção.

A despeito de Câmara Cascudo ser considerado o grande nome da pesquisa de fontes orais no Brasil, é, sem dúvida, o crítico literário sergipano Silvio Romero o precursor da leitura literária dessa modalidade de texto, a partir do século XIX, conforme lembra Guesse (2009). Romero trouxe novos métodos de leitura e análise de textos, com base em suas ideias científicas, filosóficas e sociológicas, da época. Ou seja, aparentemente, Romero percebia a literatura oral como integrada ao mundo de onde emergia, e “sua preocupação era identificar e retratar uma literatura “genuinamente brasileira””, de acordo com Guesse (2009, p.116). Por fim, Romero, em seu tempo acreditava que os textos literários deveriam ter um compromisso com a realidade, expressando a história, os costumes e as tradições de seu povo. Ou seja: Romero, era impossível pensar o fenômeno literário sem considerar os fios extra-textuais que o tramavam, ele crendo que o olho do crítico deveria estar sempre afinado com o particular do texto e o geral da história. Uma outra contribuição que pode ser levada em conta, para efeito desta pesquisa, é o investimento cultural realizado por Lévi-Strauss, em seus estudos de mitos culturais, no Brasil. Em um ensaio de Jaime Ginzburg, o autor afirma que:

Lévi-Strauss compara a oralidade com o que acontece com as Epopeias, as quais têm um modo de composição que permite o condicionamento do narrador para a memorização. A musicalidade, o ritmo, a regularidade métrica, os acentos regulados, as rimas são recursos que permitem a memorização da letra pelos contadores. Mas, na forma oral, a narrativa não tem rigidez de conteúdo. Lévi-Strauss

explicou, em sua obra “*Ordem e desordem na tradição oral*” que a lógica própria da tradição oral é a da abertura e a da intercambialidade, sendo por isso possível encontrar várias versões de uma mesma estória em diferentes lugares. E só no registro escrito é que a narrativa ganha uma unidade inteiramente fechada.

A constatação de Ginzburg acerca de Lévi-Strauss explica porque ocorrem repetições de estórias no *corpus* coletado de Aracoíaba, uma vez se dando o registro por escrito. Isso foi percebido na pesquisa em apreço, tendo sido verificadas versões distintas de uma mesma narrativa, conforme veremos no capítulo adiante.

Além de Câmara Cascudo e de Silvio Romero, que se debruçam sobre literatura oral e suas variantes (dentre elas, o gênero poesia), há, atualmente, outros autores que, em pesquisas mais recentes, têm se dedicado ao entendimento da oralidade em distintos grupos sociais, e todos eles descreveram suas pesquisas em uma coletânea denominada “Oralidade e literatura: manifestações e abordagens no Brasil” (2013), organizado por Frederico Augusto Garcia Fernandes. Nesta publicação, por exemplo, Luiz Carlos Borges (2013) observa os modos como comunidades indígenas, guarani e maia, estruturam o seu “existir no mundo”, problematizando, ainda, a contradição entre o mundo imperfeito em que se funda a nação guarani e a utopia da Terra Sem Males. O autor situando a narrativa mítica como um evento de linguagem e, assim, Borges (2013) vislumbra os nexos entre o estético e o ético, presentes nos relatos míticos, além da manifestação artística individual e a tradição. Dessa maneira, sua análise aborda elementos muito significativos para a poesia oral, ao tratar da representação narrativa (performance e dramatização) e do ato criativo ligado à dinâmica de um relato mítico.

De outra feita, Josebel Akel Fares (2013, p.43-46), em sua pesquisa realizada em asilos de Belém sobre narrativas orais, focaliza pessoas da chamada “Terceira idade”, ou seja, “os mais velhos”, levando em conta a procedência da memória dos velhos que lá residem. Percebendo a riqueza das fontes orais coletadas na capital, a pesquisadora passou a estudar outras regiões do Pará (Bragança, Altamira, Castanhal, Marabá), no período de 1993 a 1995. Suas investigações resultaram em cerca de 600 contos, nos quais são encontrados, em termos de conteúdo, assombração, viagens, encontros com a morte, e principalmente, “histórias da moça do taxi”, recorrentes nos municípios visitados. Eu observo que, da mesma forma que Akel Fares, certas lendas locais também são recorrentes em Aracoíaba, como veremos no capítulo adiante.

Uma outra pesquisa que merece destaque, realizada por Eudes Fernando Leite e Frederico Augusto Garcia Fernandes (2013, p.65-66), refere-se a encontros com pessoas comuns da sociedade civil, a partir de uma relação entre entrevistador e entrevistado, em Pantanal-MT. Eles tinham em mente sair daquele Pantanal - do turismo, com tuiuiú, onça e jacaré e mais: deslocar do centro a história dos desbravadores, e auscultar as vozes de quem contribuiu e contribuía com os braços para ajudar a fixar o homem em terras ermas, alagadas ou não. Segundo eles, “queríamos ouvir os pantaneiros” e o caso mais significativo no processo de agregação de vozes foi a inserção das mulheres no grupo de entrevistados. Os autores destacam que “somá-las ao conjunto de vozes corresponderia a trazê-las para uma posição de destaque dentro da cultura popular pantaneira, recuperar sua autoestima e deixá-las mais desinibidas” (LEITE; FERNANDES, 2013, p. 67).

A autora Maria Ayala (2013, p.103-104) enfoca seu projeto de pesquisa na cultura popular. Para isso, realizou muitos percursos de avião, ônibus, barco e a pé. Tendo diferentes conhecimentos sobre atividades artísticas populares, que envolvem narrativas, poesia, música e dança, além de práticas de catolicismo popular e de diversas religiões afro-brasileiras, ela vê a dificuldade de construir um texto que não deixe de revelar a capacidade de análise e interpretações, que ao mesmo tempo, se constitua em espaço privilegiado a ser ocupado.

O pesquisador o Piers Armstrong (2013, p.116) destaca como se insere o contexto conceitual da literatura oral no gênero de letras de bloco Afro, do carnaval baiano. Sua suposição é que, de uma parte, esse gênero satisfaz os critérios gerais da literatura oral. Por outra parte, não é o que se considera tipicamente como literatura oral. Para ele, Literatura oral, praticada por esse grupo, não é necessariamente igual aos conceitos dos pesquisadores contemporâneos. O seu estudo, então, se abre às diversas possibilidades científicas internas, e também à perspectiva denominada por ele de “leiga estereotipada”, advinda do período da reafirmação do carnaval, que começa com a fundação, em 1974, do bloco afro “Ilê-Ayê”.

Fernandes et al (2013, p.176) tratam do fenômeno de transmigração de narrativas de obras orais. Nesse caso, os autores observam histórias como “As mil e uma noites”, identificadas na literatura oral brasileira. Ela escolhe três modelos de narrativas: “Ali Babá e os quarenta ladrões”, “Aladim e a lâmpada maravilhosa”, e “O pescador e o Ifrit”, tendo como tema central o enriquecimento. Depois do material

coletado, os autores fizeram um levantamento das variantes que imigraram para o conto oral brasileiro. Eles entendem que:

refletir sobre uma cultura através de sua sabedoria popular permite identificar o seu universo valorativo. Hábitos, costumes e crenças são aspectos da cultura e manifestam o pensamento de um povo. No entanto, essa maneira de viver e de pensar é, em parte, fruto do contato natural entre sociedades, resultando na troca e na assimilação de novos costumes” (FERNANDES *et al.*, 2013, p. 176).

Observando todas as perspectivas a respeito das narrativas orais acima pesquisadas, com ou sem o seu registro escrito, pode-se afirmar que a transmissão da narrativa oral é um possível exemplo de registros do princípio da história dos povos. A partir daí, de forma geral, quaisquer narrativas orais aparecem e reaparecem na tradição de uma cultura, embora as histórias contadas aparentemente sejam moldadas conforme a mentalidade desse povo. Tais considerações certamente podem ser adequadas ao que se pôde avaliar no Município de Aracoíaba, tendo em vista que as muitas lendas que por ali circulam, até hoje, são contadas, recontadas, modificadas, também, ao sabor da evolução dos saberes locais.

2.1 ORALIDADE TRANSCRITA – AS LENDAS COLETADAS

Para além das discussões levantadas no capítulo anterior, de acordo com a escritora Diana Luz Pessoa de Barros (2008), quando se fala em oralidade em textos escritos, faz-se referência, na verdade, a efeitos de sentidos de oralidade produzidos pelo uso de certos recursos de linguagem na construção do texto. (BARROS, 2008, p.41).

Na fala, a implementação de estratégias, com grande intervenção do fato de haver maior frouxidão da obediência à norma na modalidade falada, ou seja, na conversação.

Na escrita, basicamente considerada padrão, se pode considerar bem ativadas as estratégias do desempenho linguístico escrito. Ou seja, a fala, quando traz marcas de correção, quer de fato corrigir, enquanto a escrita, em geral quando registra propositadamente uma correção, utiliza-a como estratégia discursiva.

Para efeito deste trabalho, tanto a oralidade quanto a escrita serão consideradas para fins de análise de texto, pois a escrita, aqui posta, é a fonte, o registro sobre o qual se fundamenta a pesquisa. Assim sendo, conforme Barros (2008, p.69), para quem a transcrição da fonte oral, material colhido que favorece o processo de análise do texto, bem como a perspectiva de Ginzburg, a respeito do pensamento de Lévi-Straus, citado no capítulo anterior.

3. AS LENDAS - *CORPUS*

Como já mencionei na Introdução, as lendas foram todas extraídas de livros escritos pela autora Ana Nascimento (2003), que as editou, a partir de conversas que teve com os moradores mais antigos da cidade. Estes faziam questão de manter vivas todas as lendas que constituem a história de Aracoiaba e de cada localidade que a compõe. Histórias que, na maioria das vezes, têm um ponto comum, que é a referência a uma certa “Pedra Encantada”, mais conhecida como “Pedra Aguda”, em cujo interior e arredores ocorriam vários episódios. Como exemplo: a narrativas iam do amor, ao ódio, até mesmo à morte. Também se registram lendas de príncipes e princesas, inclusive de alguns viajantes que por ali costumavam passar e que sempre obtiveram lições as quais levariam por toda a vida. Há quem diga também sobre outras lendas que eram contadas na cidade, lendas que não eram tão famosas quanto a da “Pedra Aguda”, porém, circulavam “pela boca do povo”, conforme Ana Nascimento (2003) deixa registrado em sua coletânea.

3.1 AS LENDAS

Apresento, neste item, um resumo das dez narrativas mais conhecidas em Aracoiaba-Ce e que, como já mencionei, foram recolhidas por Ana Nascimento (2003).

1) Sonho de Desencanto

Esta Lenda narra a história de João Serrador, homem que vivia a caçar na companhia de seus amigos. Por obra do acaso, certa vez, foi sozinho, acontecendo-lhe, então, diversas coisas estranhas e desconhecidas, tais como a miragem de uma das

princesas de um conto muito conhecido em sua localidade, na cidade de Aracoiaba. A linguagem apresentada na lenda é coloquial ou informal, pois há presença de gírias, linguagens locais, e alguns termos que fogem do padrão da norma culta. “Ô cabra mole, perdeste o que tinhas de ganhar!” (NASCIMENTO, 2003, p.30). A narração ocorre em terceira pessoa e, de acordo com Ana Nascimento (2003, p.31), teria sido contada por Lenilio Ferreira Figueiredo (1929-2006), que nunca saiu de Aracoiaba, onde se casou e teve 12 filhos. Ele conta que teria ouvido isso de seu avô e, em seguida, seu pai a reproduziu, tendo, assim, guardado na memória. (Anexo nº 1).

2) A Serra que virou Pedra

História que conta a descoberta que Lenilio Ferreira Figueiredo fez sobre uma lenda da cidade natal de sua mãe, que era natural de Aracoiaba. Cidade essa, que era abraçada por duas serras de pedras, mais conhecidas como “Serra da Tamanca” e “Pedra Aguda”, que guardavam ricos tesouros. A linguagem apresentada neste conto é coloquial e a narração ocorre em primeira pessoa, tendo ele vivenciado a redescoberta desta lenda, em Aracoiaba (Anexo nº 2).

3) Pedra Aguda

Lenda que conta a história de alguns sertanejos que andavam pelas grutas da Serra Aguda, localizada na cidade de Aracoiaba que levados, pela cobiça em encontrar as riquezas de um palácio encantado, se depararam com barulhos estranhos e míticos de uma certa mulher que lhes aparecia. A linguagem utilizada na narrativa é coloquial e a narração ocorre na terceira pessoa, sendo que o narrador-observador se comporta apenas como conhecedor dos fatos, mas sem ter participação. (Anexo nº 3).

4) As Serras de Aracoiaba

Conta a história de como foram criadas as “Serras de Pedras”, ou seja, a “Serra da Tamanca” e a “Pedra Aguda”. Relata o amor de dois jovens, um príncipe e uma princesa, que queriam unir seus reinos para manter a paz. Porém, não sendo possível, pois os dois reinos tinham inimigos que lhes queriam tomar posse. Os reinos foram

então transformados em duas serras de pedras encantadas. A linguagem apresentada na obra é coloquial e a narração ocorre em terceira pessoa. (Anexo nº 4).

5) A Pedra da Negra

Lenda que conta a história de como surgiu a pedra negra, localizada no município de Aracoiaba. O surgimento da pedra foi através do sofrimento da filha mais nova do rei, que levava uma vida solitária, sem noivo e sem suas irmãs mais velhas, pois tinham acabado de casar. A jovem se viu só, então, resolveu fugir, e acabou virando uma pedra negra, que sempre assustava os caçadores daquela região com seus choros e lamentos. A linguagem apresentada na lenda é coloquial e narração ocorre em terceira pessoa, tendo sido contada pelo senhor Lenilio Ferreira Figueiredo.

(Anexo nº 5).

6) Padrões Antagônicos

Conta a história de uma misteriosa família que veio do Rio Grande do Norte para a cidade de Aracoiaba, em busca de tranquilidade e onde não pudessem ser encontrados tão facilmente. Compraram uma fazenda na localidade de “Russinho”, em 1925. Três anos depois, a polícia fica sabendo de um pesado armamento que eles tinham comprado e mantinham escondido, então foram averiguar, mas, chegando lá, travaram uma grande troca de tiros, que ocasiona morte de sete pessoas. Até hoje, circula na expressão popular que esta dita fazenda continua sendo mal-assombrada. A linguagem apresentada nesta lenda é coloquial, sendo narrada em terceira pessoa, contada por Lenilio Ferreira Figueiredo. (Anexo nº 6).

7) Pindaíra e seu Idílio

A história conta o romance do senhor João Pindaíra e da senhorita Laura Gomes. Romance de grande repercussão naquela época, de dois adolescentes que se apaixonaram, no tempo de escola, levando essa história de amor por muitos e muitos anos, amor esse que era proibido pela irmã da senhorita Laura. A linguagem apresentada nesta história é coloquial e a narração ocorre na terceira pessoa, sendo o narrador, observador, comportando-se apenas como conhecedor dos fatos. (Anexo nº 7).

8) Longínqua Caminhada

Lenda que conta a história do amor persistente de Osmar Lourdes pela senhorita Leda, tida como uma bela moça em Aracoiaba. Ele, rapaz jovem e que gostava de gozar a vida; ela, uma simples moça devota à sua religião e ao amor que tinha por sua mãe. Enfrentaram diversos problemas para a conclusão dessa união. Ela só se casaria após a morte de sua mãe e após o rapaz mostrar-se capaz de largar sua vida mundana. Passaram-se anos até que tudo começou a conspirar para a união do casal, superando-se, assim, os entraves cotidianos. A linguagem apresentada neste conto narrativo é coloquial e a narração ocorre na terceira pessoa. (Anexo nº 8).

9) Rastro de Orgia

História que relata o súbito e violento ataque de dois facínoras a um “prostíbulo”, localizado na cidade de Aracoiaba. Relatos contam que os dois facínoras invadiram o recinto, exigindo que todos os clientes das prostitutas passassem todos os seus pertences. Não contentes, os dois facínoras começaram a atirar, por todos os lados, e muitos clientes foram atingidos, menos o dono do recinto. Questionado do porquê, ele não estava esboçando nenhuma feição de medo, respondeu que tinha com ele a proteção de seu avô, já falecido, e a de Nossa Senhora, confirmando ainda mais a versão dos católicos sobre o amor e proteção que Nossa Senhora tem para com a humanidade e mostrando o seu infinito cuidado pelos dominados pelo poder da aguardente. A narração ocorre em terceira pessoa. (Anexo nº 9)

10) Serra da Tamanca

Lenda que conta outra versão da história do surgimento da “Serra da Tamanca”, na cidade de Aracoiaba. De acordo com a narrativa, havia um enorme tamanco, vindo do espaço sideral, após um deus grego (Dionísio, deus do vinho) ter tropeçado em uma estrela, pois se encontrava bêbado. A linguagem apresentada neste conto é coloquial e sua narração ocorre na terceira pessoa. (Anexo nº 10).

4. ANÁLISE DOS TEXTOS COLETADOS

Para realizar este debate em torno das lendas do município de Aracoiaba, não posso deixar de mencionar alguns aspectos da evolução histórica deste município, uma vez que as lendas coletadas para este trabalho se referem a ele.

Aracoiaba era uma antiga comunidade do Ceará, povoada, inicialmente, na primeira metade do século XVIII. A cidade foi fundada em 1735, pelo Capitão Pedro da Rocha Maciel, que vislumbrou a riqueza e a fertilidade do solo da então sesmaria, tendo em vista as ricas possibilidades do cultivo do milho e da batata, que os índios da região já cultivavam com facilidade para o seu consumo, além da riqueza do solo para o cultivo da cana-de-açúcar e do algodão. Foi, então, que surgiram os primeiros moradores que vieram cultivar as terras ao lado do capitão Pedro da Rocha Maciel, o fundador da cidade, e seus familiares, por anos afora, após 1735. A partir daí, surgiram e foram se organizando as primeiras moradas da pequena aldeia denominada “Canoa”. Assim, seus primeiros habitantes, os índios “tupi-guarani”, conhecidos por sua cultura um pouco mais evoluída, dado o seu conhecimento com a caça e a pesca do que os habitantes mais recém-chegados, se deslocaram para o litoral, nas proximidades de Fortaleza*

Dessa forma, é de se inferir que Aracoiaba, dada as suas condições - tanto geográfica, quanto de agricultura - teria favorecido a permanência e a chegada de novos moradores, quase sempre, agricultores.

Naquela época, em seus primeiros momentos de comunidade, Aracoiaba não tinha nenhuma atividade cultural ou educacional. O único reduto escolar do centro urbano cabia à família do Sr. Pedro da Rocha (1735). Assim, as escolas passaram a existir apenas em 1917, quando uma jovem de 17 anos de idade, Otília Alves do Nascimento (1901-1983), vendo o analfabetismo na região, começou, em sua própria residência, a ensinar aos mais próximos, gratuitamente. Muito tempo depois, ela conseguiu ser professora do estado. Logo após, surgiram as escolas, reunidas, posteriormente, no Grupo Escolar Almir Pinto, que recebeu esse nome em homenagem ao deputado e também médico Almir dos Santos Pinto, que honrando seus compromissos políticos, empenhou-se em carrear recursos estaduais para a construção,

*Informações colhidas no site do município de Aracoiaba. Nossa História. Disponível em: <<http://www.aracoiaba.ce.gov.br/nossa-historia>>. Acesso em: 19 Jan. 2016.

oficialização e funcionamento de um grupo escolar, na sede do município, no ano de 1953, com estudo até o que se chamava de 4º ano primário¹.

O leque da educação, porém só foi realmente aberto em 1958, após a criação e o funcionamento do Ginásio Escola Normal Virgílio Távora. O município de Aracoiaba ficou conhecido por suas duas serras de pedra, a “Serra da Tamanca”, que fica na localidade de Russinho (localidade que foi criada pelos anos de 1925 e que até hoje existe), e a “Pedra Aguda”, que se localiza na comunidade homônima. É a partir desses dois pontos culminantes, em torno da cidade, que nasce a maioria das narrativas, pois as duas serras acabaram se tornando conhecidas, por conta das lendas que foram referências na cidade, pela forma de terem sido criadas e cultivadas ao longo dos anos, pelos próprios moradores. Algumas delas, fruto da imaginação; outras, oriundas de fatos do cotidiano local², vivenciados pelos próprios “contadores”.

Uma delas é muito lembrada pelos moradores da região: conta a história de dois reinos amigos, que construíram, entre castelos de suas propriedades, um elo subterrâneo em forma de corrente de ouro, que era usado de intercâmbio entre ambos, e que acabaram se transformando em duas serras de pedras encantadas e cheias de mistérios.

Em meados do século XX, era comum ouvir histórias de aparições sobrenaturais: caso de aparição, manifestação e contos com seres que aparentemente não possuíam características, nem comportamentos humanos, sendo considerados seres/fenômenos sobrenaturais. Muitas pessoas, de pouca instrução formal, se achegavam ao Sr. Lenílio Ferreira Figueiredo (1929 – 2006, que lhes contava histórias, sendo ele uma pessoa respeitada por todos e um grande especialista nas histórias daqueles dois monólitos rochosos, a dita “carteira de identidade de Aracoiaba”. Sr. Lenílio, nascido em Aracoiaba, residente na comunidade da Pedra Aguda, relatou que teria ouvido essas histórias de seu pai, que ouviu de seu avô, e que teve a oportunidade de contar a sua própria experiência na descoberta de como a serra virou pedra e aí guardou seus ricos tesouros (ouro, em algumas narrativas coletadas). O Sr. Lenílio, de posse dessas narrativas, acabou por reproduzir para os seus doze filhos, para que as

¹ Informações coletadas através de um trabalho feito por ..., atual diretora da escola E.E.M Almir Pinto, a partir da oralidade, ou seja, por meio de entrevistas realizadas com moradores da cidade e antigos funcionários da escola.

² Senhor Lenílio, antigo morador de Aracoiaba, já falecido, era quem contava as lendas que ouviu de seu pai, para os seus filhos, que contavam para seus netos assim por diante, passando de geração em geração, relatou Dalva uma de suas filhas, e moradora de Aracoiaba-Ce.

mesmas fossem guardadas na memória e na história de Aracoiaba. Desse modo, é possível compreender, nos termos de Câmara Cascudo (2006), que o ato de conhecer, aprender, recordar e fazer memória da experiência de cada um desses moradores, de fato remete ao pensamento sobre significados semelhantes, estabelecendo relações entre o passado e o presente.

Entretanto, dado o seu potencial de comunicação entre os moradores da cidade, a lenda das duas serras não era a única contada por ele, (Sr. Lenílio); havia várias outras, como por exemplo; a lenda de “João Serrador”, um personagem criado por ele mesmo, de acordo com as próprias palavras da autora da coletânea referenciada nesta pesquisa.

Porém, outras lendas foram consideradas relatos, portanto, podendo-se afirmar que o real se misturava com não real, dando vida às histórias de todo aquele povo. O Sr. Lenílio sabia detalhes da história de vida de João Pindaíra, um repentista conhecido e respeitado pelos aracoiabenses, bem como da senhorita Laura Gomes, uma jovem clara de cabelos negros e muito graciosa, com uma vida social pacata, quase sempre dedicada às prendas do lar. Ambos viveram uma história de amor muito intensa, de mais de vinte anos, e que chegou ao fim por empecilhos da família da moça, que não aceitava o romance dos dois.

Uma outra lenda conhecida é a do romance do casal Osmar Lourdes, rapaz de personalidade tranquila, porém de vida social bastante agitada, conhecido na cidade por fazer parte de uma turma de jovens boêmios. Era um rapaz cercado de amigos, mas solitário de amor, até conhecer a senhorita Leda, jovem socialmente conhecida por sua devoção mariana, de vida tranquila e caseira, amante dos seus, principalmente da mãe, por quem enfrentava qualquer sacrifício. Os dois começaram a se entender, apesar de as famílias recearem o entrelaçamento, pois o rapaz gostava de beber e passear; tinham receio pelo sofrimento da senhorita Leda. Porém, ambos lutaram contra os reveses e, após 14 anos, superaram os obstáculos habituais, e se casaram. Assim sendo, esta lenda, que possivelmente, antes dessa condição, teria sido uma história real, é, possivelmente, a reprodução oral da vida de pessoas comuns da cidade, que, em seu tempo, a despeito dos valores sociais e morais reinantes, os transgrediram e se impuseram, contra todas as expectativas de então.

As histórias orais, em Aracoiaba, de um modo geral, referem-se à vida das pessoas, quase sempre compondo relatos do cotidiano, das vivências, das transgressões

sociais e das consequências dessas atitudes. Assim sendo, possivelmente, era comum naquela época, romances como esses, que perduravam por tanto tempo, mesmo contra a vontade das famílias. Até mesmo as lendas fantasiosas, de reinos, príncipes e princesas, como algumas presentes nesta pesquisa, podem ter se originado de uma situação cotidiana e foram perdendo a força de “realidade”, ao longo do tempo. Assim, trazemos à baila, outra narração do passado de Aracoiaba, que se refere ao casamento de dois reinos, que seguia uma velha tradição: o rei casaria a primogênita e só depois as demais filhas, mas a princesa mais nova do reino não aguentou a espera e a solidão e a melancolia de estar sem nenhum pretendente e desapareceu misteriosamente; de tanta tristeza foi transformada em pedra preciosa. É mais uma história/lenda criada pela fértil imaginação popular. A reflexão que pode ser trazida até aqui remete à recorrência ao olhar vigilante da sociedade local para as questões morais. Ou seja: a união matrimonial, nesse caso, seria um valor social bastante considerável, a ponto de figurar entre as histórias que se contavam no passado, em Aracoiaba e seus limites territoriais. E, nesses domínios, quem não estivesse na conjuntura do “par”, estaria condenado à infelicidade. Nesse caso, o registro escrito confirma o arranjo de preservar a forma social nuclear, a partir do “casamento”.

Algumas lendas, bastante conhecidas, permaneceram sem nenhum registro oficial, uma delas refere-se a duas situações: a primeira: o massacre que ocorreu em uma residência na localidade de “Russinho”, entre uma “família misteriosa”, vinda “de fora” da região, fortemente armada e a polícia. A segunda: o assalto ocorrido em um prostíbulo, frequentado por “senhores de família”, naquela época e que é citado na narrativa/lenda “Rastro de Orgia”. Havia narrativas dando conta de dois facínoras tentando usurpar todos os pertences dos clientes e, não muito contentes, os criminosos começaram a atirar sem motivos, chegando a atingir vários clientes. Os prostíbulos surgiram na cidade em meados da década de 1940, e o mais conhecido era a casa da “Chica Torrão”, partindo de uma casa aparentemente normal, que era situada no centro da cidade. Segundo consta uma antiga moradora de Aracoiaba (minha avó, nascida em Capistrano-Ce no ano 1942, que aos 18 anos venho residir em Aracoiaba-ce.), naquele tempo, uma minoria de moças estava ali por necessidade; a grande maioria das mulheres estavam por trabalho. É bem possível que os assaltos fossem frequentes, e por conta da versão contada pelo dono da “Casa de mulheres” (a respeito de sua “imunidade espiritual”), pode-se inferir a possibilidade de ele mesmo contratar os serviços de

bandidos para roubar dinheiro dos frequentadores, enquanto estes estivessem alcoolizados ou mesmo envolvidos com algumas das moças, tal como sugere, por exemplo, Ferreira de Castro (1930), em seu romance “A selava”, em que fato se dava, nos seringais da Amazônia. OU seja, o dono do Seringal, Macêdo, embriagava os seringueiros e, nessa situação, lhes roubava o próprio salário que lhes pagava.

Assim sendo, se a função de reproduzir no tempo as lendas tem, aparentemente, o caráter normatizador social, inclusive contando com a ajuda da explicação do dono da casa de mulheres, então, é possível corroborar com Câmara Cascudo (2006), para quem, a partir desses textos - as lendas - se tem o registro das “histórias de um povo”, sobretudo as que se contam nos manuais de prefeituras, para que a história desse reduto local – Aracoiaba, no caso, não difira das odisseias, conforme já foi mencionado em capítulo anterior, nem do próprio pensamento de Lévi-Strauss (apud GINZBURG, 2000, p.113).

A respeito do que foi mencionado acima, não posso esquecer que, ao se contar nos livros a História do povoamento de Aracoiaba, os índios tupi-guarani foram ignorados como parte dessa organização social formal e, portanto, não aparecem como partícipes de nenhuma “narrativa/lenda” coletada. Porém, não se deve esquecer as origens dos povos indígenas, que tiveram grande importância, atuando no início da criação desde povo aracoiabense, pois até o século XVII, eles foram os principais ocupantes deste conjunto de terras.

Com efeito, ao se fazer uma análise das dez lendas que envolvem a cidade de Aracoiaba, foi possível perceber elementos, tanto do pensamento de Câmara Cascudo, quanto de Silvio Romero (apud GUESSE, 2009, p.116): as marcas de Oralidade – as repetições - estão de algum modo interligados, pois, para eles, a transmissão oral dos conhecimentos armazenados na memória humana é um elemento indispensável para a construção e propagação da história, como já foi dito, de um povo, e, guardadas as devidas proporções, também de uma região, ainda que claramente as lendas coletadas tenham um viés de organização social excludente, já que, por exemplo, os índios locais estão invisibilizados. Por consequência, como já foi acenado acima, não há lendas com referência aos índios.

Por outro lado, também não se pode ignorar que essas lendas são uma forma de preservação da cultura local, e trazem a valorização e o reconhecimento para a cidade.

Por conta dessas histórias de memórias elas acabaram por tornar as duas serras de pedras referências geográficas significativas de Aracoiaba. Ironicamente, a invisibilidade do grupo indígena é trazida à tona justamente na toponímia da cidade - “Aracoiaba” (Origem “tupi-guarani”, que significa “Lugar onde cantam os pássaros.”).

5. CONCLUSÕES

Em vista da perspectiva de leitura apresentada acima, é possível concluir que alguns pontos merecem destaque diante de tudo o que foi mencionado. O primeiro deles diz respeito ao ensaio de Câmara Cascudo (2006), que destaca a importância da Literatura Oral. Da mesma forma que o autor expõe em seu trabalho, as lendas aqui coletadas reúnem manifestações da recreação popular, mantidas pela tradição, e por outro lado, constituem um acervo de características socioculturais que incorporam e perpetuam, pela memória (oral e escrita), elementos trazidos pelas três raças formadoras do nosso povo.

Da mesma forma, Silvio Romero (apud GUESSE, 2009, p. 32) - que se debruçou sobre literatura oral, destacando seus mais diversos gêneros textuais - também pode ser evocado, sobretudo quando relaciona a oralidade e a escrita, o que leva a crer que “a literatura mimetiza os acontecimentos”, sendo quase que exatamente o que se pode perceber nas lendas contadas na região em apreço, tornando visíveis nas lendas dos grupos sociais de lá.

Para Cascudo (2006), o que mais importa é a valorização da experiência viva compartilhada, dia-a-dia, como forma de construção do conhecimento e isso é o que, aparentemente, tem sido feito no cotidiano de Aracoiaba, este reduto do chamado Maciço de Baturité.

Assim sendo, o pensamento acima expresso se dá, da mesma forma que outros autores, em outras cenas, como Luiz Carlos Borges (2013); Josebel Akel Fares (2003); Eudes Fernando Leite e Frederico Augusto Garcia Fernandes (2003); Maria Ayala (2003); Piers Armstrong (2003), que analisaram as peculiaridades da oralidade em grupos sociais distintos. Cada um demonstrou um significado importante na construção da narrativa oral da história de determinados grupos sociais. Com efeito, posso afirmar que a Oralidade transposta em escrita em Aracoiaba, no *corpus* desta pesquisa, presta-se

a ser um testemunho do que era transmitido, de uma geração a outra, tendo como características particulares o verbalismo popular de pessoas como Lenílio Ferreira Figueiredo, que preservou essa prática de transmissão para a posteridade, embora deixando de fora o contingente indígena (e quem sabe...outros (?)) que também contribuiu para a existência de Aracoiaba. A meu ver, toda essa abordagem é muito ampla e merece novas perspectivas de estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA DO Ó, Alarcon. Silvio Romero: espaços históricos e literários. **Revista Espaço Acadêmico**, n.80, jan, 2008.

Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/080/80alarcon.htm>.> Acesso em: 29 de Abril. 2016.

ARACOIABA, Prefeitura Municipal de. **Nossa História**. Disponível em: < <http://www.aracoiaba.ce.gov.br/nossa-historia>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

ARMSTRONG, Piers (Org.). Uma literatura oral pós-moderna nas letras de blocos afro do carnaval baiano. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Oralidade e Literatura: manifestações e abordagens no Brasil**. Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013. Cap. 6. p. 116.

ARRUDA, Eliane; FERNANDES, Francisco Lima. **Coletânea da Almece: Coletânea da Almece**. 2. ed. Fortaleza: Rbs Gráfica e Editora Ltda, 2001. 234 p.

AYALA, Maria Ignez Novais (Org.). A cultura popular em uma perspectiva empenhada de análise. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Oralidade e Literatura: manifestações e abordagens no Brasil**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013. Cap. 5. p. 103-104.

AZEVEDO, Francisco Lima; AZEVEDO, Francinete; BATISTA, Benildes (Org.). **2º Antologia da Almece: 2º Antologia da Almece**. Fortaleza: Rbs Gráfica e Editora Ltda, 2003. 198 p.

BORGES, Luiz Carlos (Org.). Os Guarani Mbyá e a oralidade discursiva do mito. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Oralidade e Literatura: manifestações e abordagens no Brasil**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013. Cap. 1, p. 23-39.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Linguagem popular e oralidade: efeitos de sentido nos discursos. In: PRETI, Dino. **Oralidade em textos escritos**. São Paulo: Humanistas, 2008. Cap. 2, p. 41-72.

CARMO, Maurício Martins do (Org.). De malocas e vagabundos: Adoniran Barbosa e a imagem paulistana. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Oralidade e**

Literatura: manifestações e abordagens no Brasil. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013. Cap. 7. p. 163-179.

CASTRO, Ferreira. **A Selva**. Porto: Lello Editores, 1930.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2006.

_____. **Contos Tradicionais do Brasil**. São Paulo: Editora Global, 2004.

CUNHA, Maria de Fátima da. Lembranças do meu sertão: memórias caipiras através de canções. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Oralidade e Literatura:** manifestações e abordagens no Brasil. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013. Cap. 8, p. 181-192.

FREITAS, Francisco Lima; AZAVEDO, Francinete (Org.). **Coletânea da Almece:** Coletânea da Almece. Fortaleza: Rbs Gráfica e Editora Ltda, 2002. 192 p.

FREITAS, Francisco Lima (Org.). **Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará**. Fortaleza: Lc Gráfica e Editora Ltda, 2010. P.120.

FARES, Josebel Akel (Org.). Imagens da MatintaPerera em contexto Amazônico. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Oralidade e Literatura:** manifestações e abordagens no Brasil. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013. Cap. 2. p. 43-46.

GINZBURG, Jaime. **Notas sobre elementos de teoria da narrativa**. Disponível em: <https://www.academia.edu/7910642/Notas_sobre_elementos_de_teor%C3%ADa_da_narrativa. > Acesso em: 20 de Dez. 2015.

GUESSE, Érika Bergamasco. **Silvio Romero e os contos populares brasileiros de origem indígena:** uma proposta de análise. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, UNESP, Araraquara, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91556/guesse_eb_me_arafcl.pdf?sequence=1 >. Acesso em: 13 Jan. 2016.

HILGERT, José Gaston. A construção do sentido e da compreensão na conversa. **Linha d'Água**, n. 25 v.2, p.107-129, 2012 Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/viewFile/47717/51452>. > Acesso em: 29 de Abril. 2016.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_pr_hom_mul.php?codigo=230120 >. Acesso em: 20 Fev. 2016.

LEITE, Eudes Fernando; FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. Oralidade no Pantanal: vozes e saberes na pesquisa de campo: In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Oralidade e Literatura:** manifestações e abordagens no Brasil. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013. Cap. 3. p. 65-66.

NASCIMENTO, Ana Maria do (Org.). *Sonho de desencanto: Sonho de desencanto*. In: FREITAS, Francisco Lima et al. **2º Antologia da Almece: 2º Antologia da Almece**. Fortaleza: Rbs Gráfica e Editora Ltda, 2003. Cap. 2. p. 29-31.

RIBEIRO, Kelly Cristine. **Contos de tradição oral**. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/contos-populares-uma-proposta.html>.> Acesso em: 29 de Abril. 2016.

SOUZA, Jair Gomes de. **Literatura oral e cultura no Brasil: A contribuição de Câmara Cascudo**. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec03/article/viewFile/306/382>.> Acesso em: 20 de Dez. 2015.

SOUZA, Josiley Francisco. **Literatura Oral**. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-oral>.> Acesso em: 29 de Abril. 2016.

ANEXOS

1. Sonho de desencanto

Em Aracoiaba (lugar onde cantam os pássaros) apenas duas elevações fazem parte do relevo oficial dessa cidade: a Serra da Tamanca e a Pedra Aguda, orgulho do povo aracoiabense e reduto de muitas lendas.

Embora desconhecidas, outras formas salientes também ocultam seus mistérios, contribuindo na formação de personagens ilusórios.

O Sr. Lenilio Ferreira Figueiredo, pessoa respeitada por todos e um grande especialista nas histórias daqueles monólitos, relatou-nos um episódio ocorrido com um cidadão cognominado João Serrador, um homem afeito a caçar mocó (uma espécie de preá). Sempre saía com os amigos à procura de suas presas. Um certo dia, não encontrando quem quisesse acompanhá-lo, decidiu sair sozinho por entre as espessas folhagens existentes no local.

Iniciou sua caminhada aproximadamente às 14h, andou bastante, pois sua residência era bem distante da concentração de caças.

Chegando ao penhasco conhecido como Pedra do Rancho, resolveu pernoitar. Tratou de armar sua rede e desfrutar da paz daquele cantinho tão bonito, onde até o clima era agradável.

Às dezoito horas, tudo estava penumbra, sendo visível apenas os objetos que se encontravam próximo ao fogo feito por ele para se proteger dos animais felídeos e peçonhentos.

Na inexistência de um companheiro para conversar, seu aforismo voou tranquilamente em direção à fantasia, ouvindo o cantar dos grilos e o oscilar das folhas denunciando outros seres ali presentes a desfrutar as belezas deste espaço mágico.

Seus momentos de total isolamento tiveram curta duração, porque a pequena distância sentiu passos humanos vindos a sua procura. Mediante aquele fato imprevisto, logo cogitou ser outros caçadores atraídos por aquele abrigo tão aconchegante. Mas, como alguém iria conseguir caminhar à noite por aquelas rochas de difícil acesso, mesmo à luz solar? Antes de formular suas indagações surge a sua frente uma inesperada figura que fez seu coração bater de forma acelerada. Tratava-se de uma linda jovem. Abalizado na hipótese dos indivíduos aproximarem-se pela primeira vez de outros, por causa de uma tração que, geralmente, diz respeito a aspectos físicos, ficou cheio de expectativas quando ela sentou-se, carinhosamente ao seu lado.

Mesmo pensando ser alguma criatura perdida, muitas ideias lhe passaram pela cabeça, todavia, não teve tempo de se relacionar com a visitante para descobrir se havia entre eles alguma compatibilidade, porque surge o choro de um bebê, e a moça corre dizendo: “Seu Zé, o senhor fique aí que eu vou olhar o menino e volto já”. Saindo apressada para acalantar a criança, que conforme o açodamento, deveria ser muito importante em sua vida.

De súbito, o pobre caipira cuidou estar diante de uma miragem, e todo seu corpo tremia de maneira horripilante ao pensar ter conversado com um residente de outra dimensão. Sem preparativos, cortou as cordas da balouçante peça que lhe servia de leito, esquecendo os ensinamentos recebidos para não demonstrar fraqueza. Nesse pequeno intervalo, julgado por ele uma eternidade, a responsável por aquela abstração reaparece munida de uma beleza jamais vista por esse camponês e, de maneira irônica, olha para dentro da alma do humilde dizendo: “Ô cabra mole, perdeste o que tinhas de ganhar!”

Certamente a moça deveria ser uma das princesas residentes no castelo encantado, hoje conhecido por Pedra Aguda. João Serrador, um ser tão aguerrido, desmereceu a oportunidade de trazê-la ao nosso mundo para conhecer o amor, esse sentimento de cumplicidade, conforto e efeito de completude, condutor de cerne da realização humana.

2. A serra que virou pedra

Lembro-me bem de minha primeira visita à Serra de Baturité, onde tudo me pareceu perfeito: o verde, o clima, o ar. Fugia a tudo que eu já tinha visto nas praias e sertões por onde andara.

Menino, meu pensar era de que adentrava ao mundo de Lobato, espaço mágico onde fantasia e regionalismo se misturavam tão completamente, consequência certa dos livros que li naqueles dias da infância. Por tudo isso que devo, no presente, minha formação e dedicação à pesquisa histórica da Serra. No entanto, voltemos.

A razão da viagem foi o reencontro de minha mãe com seu rincão natal, o sítio "Jardim das Areias", outrora propriedade de meu avô e que hoje está convertido num povoado pertencente ao município de Pacoti.

Para diminuir o percurso, apanhamos um atalho pela estrada que sobe ao nosso destino via Serra de Redenção, o que deu traços de aventura ao passeio. Uma estrada vicinal bastante antiga, de terra e muitas pedras, sinuosa, por apresentar-se estreita e sobre precipícios por praticamente toda a sua extensão.

Porém a beleza das paisagens que observava atentamente a cada curva, à medida que íamos ganhando altitude, me fez esquecer completamente do perigo ali contornado. Quando por fim chegamos a Areias, tive uma das mais belas visões de minha vida.

A natureza nos brindava com a vista para o Vale do Candéia, região encravada no sistema montanhoso da Serra de Baturité a qual, depois saberia, foi um dos primeiros locais a serem ocupados pelos colonizadores portugueses no maciço, cuja região passou a ser distribuída em Sesmarias, ainda no século XVIII.

Não à toa, o vale atraía já os seus nativos habitantes com inúmeros "Olhos d'água" e, por isso, possuidor de terras fertilíssimas cujo verde frutífero destoava até mesmo nos tempos de seca do restante do sertão.

É fato que nesta vista, já próxima do horizonte, a cidade de Aracoiaba jaz plácida, abraçada pela Serra da Tamanca por um lado e pela Pedra Aguda por outro. Sorri ao notar o formato de tamanco da primeira serra, mas quando me detive na Pedra Aguda, fiquei curioso para saber mais sobre ela.

Alguns dias depois, conversando com as pessoas do lugar, amigas de infância de minha mãe, perguntei sobre a Pedra. Eis um resumo das lendas que ouvi:

A Pedra Aguda é encantada porque existe uma grande corrente de ouro subterrânea que a liga com a Pedra do Rastro, em Pacoti. Nessa última existem vários rastros (marcas) gravados na rocha em forma de mão, pé, dedos, patas de burros, jumentos, etc.

O homem que conseguir, por exemplo, encaixar sua própria mão no tamanho exato da marca, desencanta a Pedra Aguda. Nisto, torna-se rico, dono da preciosa corrente que emergirá do solo, além de desposar a princesa que se libertará da prisão onde habita no interior da Pedra Aguda.

A pedra do rastro, citada na lenda, fica exatamente abaixo da chapada onde se avista o Vale.

Certa vez visitei-a na busca dos tais rastros, o que muito me impressionou. Por sua considerável distância da Pedra Aguda, talvez poucos aracoiabenses saibam da existência dessa lenda, contada pelo povo da Serra, que reza a existência da quilométrica corrente.

3. Pedra Aguda

Conta-se que, tendo sucedido a uns sertanejos que andavam por aquelas bandas, escurecer perto da gruta da Serra Aguda, que fica no caminho de Baturité e tem fama de encerrar grandes riquezas em suas camarinhas, resolveram, pernoitar ali.

O mais animoso deles, tendo-se avizinhado de uma das entradas naturais, viu de fora sobre uma mesa de pedra um faqueiro de prata. Diz a tradição que não obstante se mostrar logo esse faqueiro a todos que ali entram, ainda nenhum se animou a pôr-lhe a mão em cima.

Atraído pelo preciosidade e impelido pela cobiça, o vaqueiro avançou alguns passos para a porta, mas entendeu logo em retroceder, amedrontado pelo um rumor surdo, que partia de dentro.

Seriam serpentes que silvavam e se debatiam sobre as lages imundas? Seriam onças que rosnavam, como costumam, quando sentem estranhos à entrada de suas furnas, nos escuros antros da rocha? Era o rumor produzido pelo agitar das asas de milhares de morcegos, que esvoaçavam pelos vastos salões do palácio encantado onde dominam como senhores absolutos?

Ao cabo de algum tempo, estando já fumando em seus cachimbos e deitados em suas redes pendentes de umas árvores, que lhes tiravam a vista da gruta, viram os sertanejos chegar-se deles uma mulher, cujas feições não puderam bem distinguir, aos frouxos clarões de fogo, que haviam feito para espantar as cobras e as onças.

- Boa noite, meus senhores – disse-lhes a mulher.

Nenhum se animou a responde-la.

O sertanejo é corajoso e até destemido, mas algum tanto crédulo e supersticioso. (...). Imóveis, gelados de pavor, nem se atreveram a levantar os olhos à visão que de pé,

a um lado deles, estava como à espera de uma palavra para dizer quem era e o que queria, ou revelar, talvez, o encanto da caverna.

Passados alguns minutos em profundo silêncio, só entrecortado pelos das aves noturnas e pelos rumores pavorosos de deserto, ouviu-se chorar um menino da banda da serra.

Incontinenti, disse a mulher aos sertanejos estas palavras:

- Dêem licença.

E desapareceu por entre umas juremas, em cujas ramas a unha-de-gato havia formado um embastido difícil de ser atravessado por qualquer ser humano, ainda que fosse pequeno.

Transidos de terror saltaram eles no mesmo instante das redes, cujas cordas alguns cortaram por brevidade da fuga em que se puseram aquela mesma hora, para longe do mal assombrado lugar.

Eles tinham razão para se apavorarem do que viam e ouviam.

Aquelas paragens são inteiramente desertas. Na circunferência de muitas léguas do sítio encantado não se aponta uma só habitação humana.

Eis aqui a história da visão da Serra Aguda que, sem cortes nem acrescentamentos, deixo aqui relendo-a, tal e qual ouvi de parentes meus na meninice.

4. As serras de Aracoiaba

Aracoiaba, cidade do maciço de Baturité, possui muitas lendas, entre elas, a mais conhecida, que resistiu ao tempo e às mudanças culturais, conta a história da existência de dois reinos amigos, que construíram, entre seus castelos, um elo subterrâneo em forma de corrente de ouro, que servia de intercâmbio entre ambos.

Num dos castelos morava um príncipe garboso, possuidor de grande coração, amado por todos: nobres, plebeus, e de uma invejável coragem.

No outro reino, mais majestoso e rico, vivia uma linda princesa de pele rosada e macia, como pêssego, olhos azuis, como a pedra de anil, e cabelos dourados, como o trigo tremulando à luz do sol. Adorava o campo por onde corria livre a entoar maviosos

cantos. Encantava até os pássaros da “cidade onde as aves cantam”, e chamava a atenção de todos, mas nada ou ninguém ficava mais seduzido que o próprio príncipe, pois o mesmo nutria desde cedo, em seu coração, um amor por aquela a quem ele aguardava crescer para tomar como esposa.

No meio de toda tranquilidade que fazia florescer aquele idílio, surge a tenebrosa ameaça de guerra. Outros povos queriam invadir seus domínios. Pela exorbitância bélica de seus inimigos seriam derrotados. Mas, diante de tamanho perigo, a princesinha angustiada apela a sua fada madrinha e, assim pensando no amor dos dois, foi organizada uma grande festa à qual todo o reino compareceria para festejar o enlace matrimonial daqueles que se transformariam num exemplo de amor.

No entanto, durante a cerimônia, antes de ser selada a união, aproveitando-se da ocasião, os invasores atacaram, e a fada madrinha, percebendo a destruição que ocorreria, transformou os castelos em grandes rochas, e os guardiões, em estátuas de pedra, pondo em fuga os inimigos apavorados.

O suntuoso castelo, onde residia a princesa, transformou-se na eterna morada dos amantes quem, encantados até hoje, sobrevivem na mente das pessoas residentes em Aracoiaba, e denominaram tais rochas de Pedra Aguda e Serra da Tamanca.

A Pedra Aguda apresenta em sua estrutura, um orifício semelhante a um imenso olho que, segundo a lenda, é a entrada do castelo e quem conseguir chegar por ele ao interior deste, com certeza, irá desencantar a filha do rei.

Ainda há os que imaginam que a pequeníssima fonte existente em seu sopé, são as lágrimas da princesinha que não param de jorrar, já que seu grande sonho é se ver livre deste encantamento para desfrutar as vantagens da nossa tecnologia ao lado de seu onírico amor.

Mas, com certeza, ela não sabe que voltando a ser humana, nada mais será igual, nem mesmo sua devoção extrema. E os campos em que dantes passeava e colhia perfumadas flores, foram transformados por intempérie.

E lá, durante os períodos de fortes estiagens, o povo peregrinava em busca de água. E com seus simples e pequenos utensílios, conseguiam saciar sua sede.

5. A pedra da negra

Muitos atribuem efeitos sobrenaturais à Pedra Aguda, magnífico monólito do município de Aracoiaba-CE. Portanto, não se estranha as histórias concebidas na fértil imaginação popular.

Um nos relata que, há muitos anos, ela era um lindo castelo, habitado por um rei muito influente e suas três filhas, Isabel, Isadora e Inês.

As jovens, em virtude do isolamento, alimentavam a ideia de se unirem a alguém especial que preenchesse a lacuna existente em suas vidas.

Este fato era notório, mas os enlaces matrimoniais eram realizados objetivando o fortalecimento dos reinos. O soberano, alheio ao sofrimento das filhas, desejava que os pretendentes estivessem entre a realeza, pois seu intento era tornar-se ainda mais conhecido e poderoso.

Quando os corações dominados pelo autoritarismo patriarcal já perdiam a esperança, chegam à residência dois rapazes muito distintos e, logo, todos ficaram sabendo que eram príncipes atraídos pela caça existente naquela localidade.

O nobre, ao descobrir a genealogia dos moços, apresentou-lhes a família e as mais novas causaram tanto enlevo a estes que, transcorridos os cerimoniais de praxes, a vizinhança foi convidada para comparecer à celebração nupcial das escolhidas.

Recolhido em seus pensamentos, o soberano lembrou a passagem bíblica registrada em Gn, 15-26, que relata: Jacó prestou sérvico a Labão, seu tio, durante sete anos, para poder casar-se com sua filha Raquel, uma jovem esbelta, formosa e desejada. Ele reuniu todos os moradores do lugar e deu um banquete. Porém não entregou a prometida, e sim Lia, possuidora de um olhar meigo e traços angelicais. Assim ele dormiu com ela pensando ser a outra. Quando Jacó lhe perguntou o motivo, o tio explicou que o costume da região era casar a primogênita e depois as seguintes.

O monarca, sob os efeitos da narração, decidiu matrimoniar primeiro as mais velhas. Estas, após o enlace passaram a residir em longínquas terras.

Solitária, Inês não suportou a melancolia e desapareceu misteriosamente.

O genitor sentindo-se culpado ordenou a corte intensa busca, porém os esforços foram em vão, haja vista ter sido encontrada apenas uma rocha, no formato de pessoa

sentada, contendo uma parte preta semelhante a uma cabeça, a qual recebeu o nome de “Pedra da Negra”.

O Sr. Lenilio Ferreira Figueiredo, narra entre outras histórias, que um homem resolveu caçar naquela direção, lá se deparou com dois colegas e juntos saíram na busca das presas. Andaram muito e involuntariamente se distanciaram, contudo eram corajosos e por esta razão seguiram o intento. O mais novo percebeu uma oscilação nas folhas e arquitetou um plano: apreenderia quem estivesse oculto no arvoredo, no entanto, surgiu intensa luminosidade feminina, trajando longo vestido azul, ornado de pedras.

A vultosa beleza o estimulou a perguntar: - Quem é você?

A interrogação espantosa fez a jovem desencantada transformar em bruxa e desaparecer.

Momentos depois, ao lado dos companheiros, ele conta o episódio e, repentinamente, gritos lamuriosos foram ouvidos da espessa mata.

O ocorrido deixou as pessoas receosas, mas logo o esqueceram e tudo voltou à tranquilidade de outrora.

Uma outra curiosidade ocorreu quando, em 1992, uma equipe pertencente à Granos Granitos do Nordeste S/A fez um estudo detalhado do material que compõe o nosso admirado monólito e fechou contrato com o proprietário Sr. Luís Osmando Guedes, para explorar as pedras em sua imediação e começaram a trabalhar, alheios aos mistérios presenciados por seus habitantes.

Embora o granito explorado apresentasse excelente teor, previam novas descobertas, dessa forma o encarregado incumbiu a equipe de avisá-lo se descobrisse uma pedra cinza, pois esta seria a mais procurada no meio comercial.

Os trabalhos transcorriam na absoluta rotina, quando num entardecer, ansiosos pelo descanso cotidiano, descobriram o almejado granito. Houve perplexidade geral e exclamavam: é a pedra que tanto procuramos! Admirados daquela beleza excepcional, sequer imaginaram que fosse a tão valiosa “Pedra da Negra”, conhecida e respeitada pelos habitantes do lugar.

O sol já declinava não permitindo que um estudo detalhado se realizasse. O responsável pela equipe mandou tirar uma pequena amostra da pedra para análise, assim, confirmaria sua cotação.

Concluída a jornada, os trabalhadores se dirigiram ao rancho, tomaram banho, jantaram. Uns ficaram tocando e cantarolando no próprio acampamento, enquanto outros se deslocaram ao Jaguarão, distrito que dista 5 km do local no qual realizavam as atividades. Estes retornaram às 23 horas quando já apresentavam exaustão.

No caminho, subitamente, ouviram três gemidos e apressaram o passo rumo ao grupo. Intrigados, inquiriram aos amigos se tinham escutado algum barulho. Todos confirmaram a mesma história. Também o gado mostrou-se reunido e assustado; pernoitando nessa postura.

No dia seguinte, às cinco horas, regressaram ao lugar onde deixaram o granito, porém este tinha perdido o encantamento, não apresentava mais nenhum valor, era uma rocha igual a tantas outras.

O povo acreditava ser o som plangente ouvido a distância, o lamento da princesa, que estava impossibilitada de voltar à condição humana e conseqüentemente de viver o amor estruturado nos pilares da reciprocidade.

6. Padrões antagônicos

Sempre existiu o deslocamento de indivíduos de um estado para outro, onde estabelecem residência. Essas mudanças, muitas vezes, ocorrem por dificuldades em sua terra de origem e enxergam na cidade grande a possibilidade de melhores condições de vida.

Na localidade de Russinho, município de Aracoiaba, aproximadamente no ano de 1925, chegava uma família a esse povoado. O Sr. João Eusébio, juntamente com sua esposa e seus filhos: José Eusébio, Sebastião Eusébio e Joel Eusébio...

Conforme dados colhidos na comunidade, essas pessoas vieram do Rio Grande do Norte à procura de um lugar tranquilo, onde não pudessem ser encontrados facilmente, devido a intrigas já existentes sobre suas vidas. Ao chegarem ali, compraram uma morada simples, antes habitada por pessoas amigas da passividade.

Os novos moradores mudaram o formato da residência. Assim, no lugar da velha vivenda, foi se erguendo uma estrutura de sobrado, ou seja, um sótão com o piso de tábuas, com orifícios, uma espécie de espião, deixando claramente transparecer o temor de um ataque repentino. Em uma das salas, fizeram um túnel que também chamou a atenção dos vizinhos, e esses começaram a se questionar sobre aquelas estranhas atitudes.

Não demorou muito, a casa nova lá estava pronta. Desta vez, cheia de mistérios e proteção, como se esperassem ser surpreendidos a qualquer momento, fato aceitável pois, na época, as pessoas viviam em pânico com os ataques de Lampião e de seu grupo que viviam percorrendo a maioria dos Estados do nordeste, saqueando e matando.

Depois de três anos, sem nenhuma novidade, surgem na comunidade dois homens de origem desconhecida, à procura da família do Sr. João Eusébio: o Sr. Vanderlei, um homem de cor branca, olhos azuis e porte elegante, logo identificado como fidalgo pela comunidade. O outro, porém, era negro, feição grosseira, calado e submisso. Tão reservado que não permitia nenhuma aproximação reveladora de sua identidade.

Ao encontrarem a família, logo trataram de manter afinidades, como se fossem velhos companheiros de guerra, e uma das primeiras providências tomadas pelo visitante e os anfitriões foi comprar toda a munição existente no comércio de Aracoia e Baturité, cidade vizinha. Dessa forma estavam preparados para lutar até uma semana, sem cessar fogo.

A polícia local, sabendo desta compra, resolveu visitar a fazenda, na tentativa de descobrir o verdadeiro motivo daquela ação. Sendo assim, após alguns dias, aproximadamente às 5h da manhã, um dos filhos do Sr. Eusébio saía para ordenar as vacas, quando percebe aproximação de vários policiais em seu refúgio. Não esperou para averiguar, pois pensava serem os inimigos de sua terra natal e, de súbito, inicia-se o maior tiroteio já visto naquela região, que deixou um saldo de sete pessoas mortas: cinco policiais, o Sr. Vanderlei e seu fiel capanga. Este último, morto quando fugia em direção ao rio, depois de ter sido atingido por uma bala e caminhar com dificuldade. Segundo contam, esse homem era esquisito, a ponto de se divertir durante o tiroteio, cantando a música “Olá Mulher Rendeira”, como se nada de estranho tivesse acontecendo naquelas horas de horrores. Relata-se que o capitão da polícia decapitou o

Sr. Vanderlei, atirando friamente sua cabeça na parede. Apesar da vítima ser um foradalei, com suas contas a ajustar, a comunidade não lhe queria male sentiu tanto aquela ação brutal que, na parede onde sua cabeça foi jogada, ainda hoje existe o símbolo de uma estrela desenhada em sinal de pesar dos que assistiram àquela violência marcante.

Dando sequência aos acontecimentos sanguinários, o capitão foi misteriosamente assassinado, tendo seu corpo todo decepado. Seus restos mortais foram trazidos em um saco para a cidade de Aracoiaba.

Decorrido algum tempo, a família Eusébio mudou-se e a fazenda hoje pertence a um engenheiro agrônomo, que não se sentiu disposto a modificar o velho sobrado, testemunha dos enigmas daquele episódio. O povo, na sua crença simplória, acredita que os espíritos permanecem naquele recinto, tornando-o mau assombrado.

7. Pindaíra e seu idílio

Para que duas pessoas tenham certeza de que estão vivendo um amor avassalador é necessário se conhecerem melhor, havendo uma completa interação para descobrir os defeitos um do outro e aprender a conviver com isto sem idealizar uma relação impossível.

Todavia, existem aqueles que, mesmo tendo passado por um longo período do conhecimento, resolvem optar pela separação em vez de construir uma família ao lado de alguém que lhe demonstra o mais puro dos sentimentos de união.

Ao entrevistar o Sr. João Pereira Lima (João Pindaíra), um repentista conhecido e respeitado pelos aracoiabenses, amantes da literatura de cordel, chamou-se a atenção o desfecho de sua história, nascida numa classe de alfabetização de adultos sob olhares cuidadosos da professora Isabel Gomes Nogueira, conhecida por Belinha.

João Pindaíra, na época, tinha 16 anos e estava atravessando a fase da adolescência, "conhecida como um momento difícil, marcada por rebeldia, inconstâncias, agressividade, dúvidas, transformações físicas bruscas e outras características". No entanto, ele não era problemático, assumia uma postura simpática e todos nutriam por sua pessoa uma grande admiração.

Em sua classe também estava a senhorita Laura Gomes de Sousa, uma jovem clara de cabelos negros e muito graciosa, irmã da dedicada professora. Embora tenham crescido juntos, pois ambos moravam na Várzea Queimada, só naquele momento foi que seus olhares se cruzaram de maneira tão especial, demonstrando assim o nascimento de uma forte simpatia.

Era início de 1950, naquela época os namoros começavam através de inocentes flertes e as intimidades eram muito limitadas, assim mesmo, sem muita aproximação, sentindo apenas o palpitar de sua coração por aquela jovem que lhe causava tanta atração, resolveu que seria ela a dona de seus pensamentos e logo tratou de se aproximar para falar de sua afeição. Assim, começaram um romance que tinha tudo para dar certo.

No interior daquela pequena classe, instalada na sala da professora, muitas dificuldades eram enfrentadas, inclusive o próprio pagamento da mestra, feito pelos pais que desejavam ver os filhos alfabetizados e se sacrificavam para manter aquele cantinho de educação. No meio de tudo isso, um cenário novo chamava a atenção de todos: era a chama que ardia nos corações daqueles enamorados, e todos simpatizavam por um final feliz, exceto a Srta. Maria Gomes, que vigiava o namoro, porque não aceitava o entrelaçamento de suas vidas.

Muitas vezes essa paixão entrou em contato com fortes ventanias mas sobreviveu fortalecida na confiança mútua e os dois chegaram à idade adulta. Um novo rumo assumiu aquele romance, passando de amor inocente para relacionamento sério, despertando algumas cobranças dos que queriam urgentemente o desfecho daquele idílio. Porém, os dois assistiam a tudo indiferentes porque, para eles, o importante era a certeza de amar e ser correspondido.

Foram vinte anos que o Sr. João Pindaíra esperou a decisão da senhorita Laura de ser sua esposa. Jamais lhe passou a ideia da separação, mas como tudo tem que ter um fim, inesperadamente ela rompe aquele laço sem nenhuma discussão, apenas porque havia decidido ficar ao lado de sua irmã, Maria Gomes, cuidando dos sobrinhos, por quem nutria grande carinho, sem pensar que essa atitude enchia de sofrimento o coração daquele homem sonhador.

O vereador Prof. Antônio Gomes Nogueira, sobrinho da Srta. Laura, afirma que o fato desse enlace não ter acontecido se deve ao amor do Sr. João Pindaíra por aquela que lhe deu a vida, ele como filho caçula acompanhava e só pretendia casar-se quando

ela falecesse. Durante um longo período, a namorada abafou o sonho, mas sua genitora foi agraciada pelo dom da longevidade e só disse adeus ao mundo com mais de cem anos. Dessa forma, Laura, cansada de aguardar, decide renunciar da ideia que já recebia críticas maldosas e se doar aos sobrinhos relatados pelo amante que se julga desprezado.

8. Longínqua caminhada

Em Aracoiaba, desde remotas datas, predominou a religião católica e as festividades litúrgicas ainda hoje, saudosamente, são lembradas.

Nessa tranquila urbe, clubes recreativos eram inexistentes, no entanto, após as celebrações eucarísticas, a comunidade transformava a praça da matriz num cenário de encontros. Muitas histórias surgiram, cresceram, trazendo evolução cultural notadamente as referidas a fatos amorosos, os quais ocasionavam inseguranças para uns, confiança e respeito para os que curtiavam relacionamentos de cumplicidade e admiração mútua.

Atualmente, os pais podem até desconhecer o convívio da prole, os laços ficaram menos comprometidos e as intimidades frequentes, todavia dois respeitadores aracoiabenses viveram experiências absolutamente diversas no âmbito do namoro. Trata-se do casal Osmar Lourdes, ele um rapaz tranquilo, cercado de amigos, mas solitário em relações ao sexo oposto, só tinha sentido o coração bater mais forte pela Srta. Leda (neta do Sr. Martins Lázaro), posteriormente entregou toda sua dedicação ao trabalho exercido em um bar, cujo proprietário era o Sr. Manoel Júlio Paz. Ela, uma devotada Mariana, amante dos seus, principalmente da mãe, por quem enfrentava qualquer sacrifício. Também apreciadora das festividades religiosas, marcadores de liderantes acontecimentos dessa cidade, com leilões e quermesses, nos quais eram vendidos os lacinhos do amor para eleger a rainha do partido de maior quantidade de sufrágios.

Através desta brincadeira, o pacato Osmar foi abordado pela senhorita Lourdes, umas das jovens encarregada da prazerosa negociação. Conforme costume da época, os rapazes só se libertavam, quando comprassem a pequena fita equivalente a um voto. Ele não se mostrou rogado e sua maneira afável levou a conterrânea a entender o emergir de uma peculiar ocasião. Começaram a se entender e, a cada dia, aquele idílio era mais

fortalecido, apesar das famílias recearem o entrelaçamento dos dois, argumentos o caso do rapaz gostar de beber e passear, motivos que acarretariam sofrimento à senhora merecedora de uma existência jubilosa.

Mesmo que não tenha sido um conquistador por excelência igual a Zeus, que para fugir da firme vigilância de sua mulher, Hera, tanto se metamorfoseava como transformava suas amantes naquilo que lhe conviesse, teve suas aventuras dizendo serem elas do Sr. Raimundo Arruda. A felicidade é que “o verdadeiro amor é puro, sublime, sabe compreender e perdoar, pois desconhece o ódio. Às vezes, se magoa, chora e sofre, mas sempre compreenderá os espinhos que encontra no caminho.”

Nada conseguia dissuadi-la do propósito, doravante o eterno romance passou a receber críticas do irmão dela, que desconfiava ser ele apenas um aproveitador, demonstrando toda sua insatisfação.

Muitos obstáculos surgiram, mas a força unificadora era sólida, uma espécie de “porto seguro” capaz de isolá-los das discrepantes imposições externas.

Depois de oito anos vislumbrando o universo do companheirismo, decidiram comprar os móveis, e os mesmos foram postos na residência do casal José Rodrigues e Maria Lúcia, irmã do Sr. Osmar e simpatizante daquela união.

Na certeza de ter cumprido a primeira fase dos preparatórios nupciais, ficaram tranquilos, esquecendo que os cupins alimentam-se, essencialmente, de substâncias vegetais como a madeira e seus derivados e que estes pequenos insetos da ordem dos isópteros possuem olhos ausentes ou atrofiados, que os impedem de ver o carinho dos humanos no tocante à mobília, por isso aproveitaram um simples descuido dos enamorados e se apossam dos significantes utensílios, adquiridos com tanto esforço.

Nesse tempo, o Sr. Osmar já exercia o cargo de carcereiro em nossa penitenciária, lugar onde constantemente era acolhido com admiração, pelos detentos que o tratavam como um legítimo amigo e, muitas vezes, resolvia-lhes os problemas, cujos caminhos eram desconhecidos por aqueles humildes criaturas que, via de regra, cumpriam pena por assassinato.

Estando em emprego que oferecia mais segurança profissional, resolveu casar, porém a ocupante de seus sonhos era a filha caçula que tomava conta da mãe. Por essa

razão, recusou o pedido, alegando só deixar a genitora quando essa “adormecesse no senhor”.

Logo após a protegida render a alma a Deus, o mancebo solicitou o matrimônio e novamente a dama o rejeitou, justificando querer passar seis meses de luto fechado em reverência àquela tão importante em sua vida.

Embora tenha decorrido longo período, a insistência dessa paixão jamais deixou de soprar. Assim, depois de 14 anos de expectativas, chegou a culminância e novas providências foram colocadas em prática, inclusive, a aquisição de outros mobiliários para substituir o destruído pelo desatino cupinzeiro. Vencidos os estorvos, contraíram núpcias na matriz de Aracoiaba, tendo como padrinhos os casais: Inácio Lucas e Geralda; Francisco das Chagas e Maria de Lourdes.

Apesar das ocasiões difíceis, esse sentimento sabiamente soube escalar os obstáculos habituais, ramificando três estimados galhos: Osmarildo, Osmarina e Meirelurdes, dando continuidade ao ciclo familiar.

Acreditaram cumprida a missão confiada pelo criador. Entretanto, um desafio surgiu no caminho, desta vez era uma mulher que ameaçava soltar o descendente no rio. O instinto fraternal do casal o induziu à adoção do pequenino rejeitado. Os anos passaram e, hoje, esqueceram-se de que Danilo é adotado, porque filho não é o gerado nas entranhas e sim aquele a quem você se doa afetuosamente.

O desfecho desses acontecimentos prova que a genuína afeição resiste e supera os entraves cotidianos.

9. Rastro de Orgia

Embora no Brasil o meretrício seja ilegal e sofra preconceitos, existem bordéis espalhados em toda parte do país.

As pessoas dessa área enfrentam desafios incalculáveis, porém constituem o quadro cognominado “mulheres de vida fácil”.

Um covil situado na cidade de Aracoiaba, muitas vezes, tem sofrido a ação de malfeitores, os quais expõem o local a extremo risco, para as cortesãs e os

frequentadores do alcove, haja vista a segurança e o respeito serem absolutamente inexistentes.

Conta-se que muitos dos clientes desse antro bebiam e desfrutavam os deleites da carne, alheios ao eco das intempéries mundanas. Subitamente, dois facínoras, conduzindo poderosas armas, adentraram o recinto, exigindo aos homens “mãos ao alto” e às mulheres se estenderam ao chão. Naquele momento, o prosaico grupo experimentou a restituição dos prazeres materiais, e despojados de questionamento, cumpriram as abomináveis ordens.

Convém mencionar que o Sr. Noliêr Junior, um boêmio muito almejado, no âmbito das limitações, pois estava completamente atordoado, olhava impassível a espantosa cena.

Os assaltantes ficaram intrigados frente àquela postura, e um lhe perguntou com voz brusca: “ei, você aí, não vai se levantar”?

O insensato varão fez imenso esforço e respondeu: “leve tudo que quiser” e continuou impensadamente flutuando na magia do álcool.

Sua esposa desagradou os invasores do ambiente e projéteis balísticos foram lançados em todas as direções, fazendo os fregueses do lupanar conhecerem as revelações contidas no apocalipse. Nessa hora decisiva, todos correram, exceto o imprudente ébrio. Entretanto, um dos delituosos verificou o quanto ele estava temulento e enfatizou: “vamos deixa-lo em paz, esse homem está fora das balizas do bom senso.” E, sarcasticamente, resolveram deixá-lo levitando na fascinação do inconsciente.

Assim, o prostibulário assistiu ao súbito e violento ataque sem sofrer nenhum dano, enquanto os amigos tentavam se defender das agressões infligidas pelos fraudulentos resolvidos a mancharem de rubro o acalorado cenário ou tomar definitivamente inerte o sanguinolento instinto.

Como nada lhe ocorreu, os colegas ficaram intrigados, todavia ele explicou que seu avô já falecido, o Sr. Honorato Alves, acompanha seus passos, defendendo-o de qualquer perigo, por isso sobreviveu frente ao abusivo atentado.

Aos católicos existentes na esfera social, essa ocorrência reforça a versão de que nossa senhora protege a humanidade, mostrando seu infinito amor com os dominados pelo poder da aguardente.

10. Serra da Tamanca

Assim denominada em virtude de sua forma geométrica, a assemelhar a um imenso tamanco alojado ali. Segundo os crentes da mitologia grega-romana, teria esse imenso tamanco despencado da imensidão do espaço sideral, mais precisamente da nossa via láctea, que quer dizer ‘caminho de Deuses’ o feito teria acontecido quando Deus Baco (deus do vinho), vencido em suas argumentações pela força verbal e convincente da bela deusa Vênus, ambos diante de Júpter (deus dos deuses), no conceito dos deuses, saiu dali, desapontado e furioso. Após tropeçar em uma estrela, deixava escapar de seu pé de bêbado o imenso sapatão. Daí por diante, Baco só comparecia ao olimpo (palácio dos deuses), manco e assim, ao vê-los, os deuses exclamavam: “tá manco” sendo assim origina a palavra “tamanco” ou “tamanca”.